

4. Considerações Finais

A experiência que a professora Izabel Oliveira me proporcionou, permitindo o acompanhamento da disciplina por ela ministrada por dois anos ininterruptos, observando os projetos e seus alunos, foi ímpar. Acredito que o fato do contato com o campo ter sido maior do que o período delimitado para a pesquisa proporcionou uma vivência muito rica e intensa, e uma experiência de imersão em meus valores, sempre realizando análise e síntese para que eu pudesse refletir sobre o que estava sendo observado.

Num determinado momento me senti tão imersa que questionei o meu desempenho na observação do campo. Minha preocupação naquele momento era a necessidade de manter um certo distanciamento do objeto de pesquisa para que eu pudesse conservar um olhar crítico. Pensei algumas vezes que talvez fosse mais fácil me manter somente como observadora para documentar o que estivesse sendo observado. Quanto mais estamos envolvidos e imersos, mais difícil é a nossa crítica sobre algo que fazemos parte, mas ao mesmo tempo não era este tipo de relação que eu buscava e também não queria ter um olhar totalmente distanciado para estar isenta das críticas. Busquei por meio da vivência do processo destes alunos, identificar as questões que ali estavam envolvidas e percebo que o fato de ser designer colaborou muito para a identificação das etapas de projeto e facilitou o diálogo com os alunos em sala. Sem dúvida, minha opção pela observação participante trouxe para minha pesquisa um rico material de análise e a oportunidade de registrar não apenas a metodologia de ensino que é aplicada no PPD-CV Conclusão, mas a visão dos alunos, suas dúvidas, anseios, idas e vindas, enfim, me proporcionou uma abordagem mais ampla, um quadro mais completo.

Por vários momentos transitei entre o papel de pesquisadora, de aluna e de estagiária docente, e esta troca de papéis me permitiu olhar para o campo por pontos de vista diferentes. Acredito que somente a experiência em viver algo que estamos nos propondo a conhecer, pode nos dar elementos para reflexão e a construção de conhecimento.

A seguir apresento algumas questões levantadas que registro como resultados da observação da pesquisa de campo.

4.1 Resultados da Pesquisa de campo

Durante a observação do desenvolvimento de projetos da turma da professora tutora Izabel de Oliveira destaquei alguns pontos para reflexão. A fim de que possamos lembrar as etapas percorridas pelos alunos ao longo da disciplina, trago novamente o calendário jogo distribuído na aula inaugural, apresentado no capítulo 2.



Figura 41 - Calendário apresentado aos alunos na aula inaugural e é disponibilizado para download no site do departamento (vide anexo 2).

Este calendário foi fruto de uma conversa entre mim e a professora Izabel. No final do semestre 2007.1 fizemos uma avaliação das ferramentas administrativas que os alunos recebem para auxiliá-los no cumprimento da disciplina. Uma das ferramentas avaliada foi o calendário disponibilizado para *download* no site do Departamento de Artes e Design – DAD. Até aquele momento os alunos recebiam um documento com as tarefas e observações apresentadas em tópicos, que cumpria o papel de informar. Contudo, notávamos que os alunos, quando questionados sobre os prazos, nunca tinham noção do tempo que ainda restava para cada etapa. Alguns alunos de forma recorrente, pediam o calendário da professora para consultar as datas. Percebemos, então, que apesar da existência do documento ele não era de interesse dos alunos.

Nesse dia da avaliação, relatei à professora Izabel que se eu fosse aluna do PPD-CV Conclusão iria transformar o calendário em algo que me auxiliasse a ter uma noção do todo, como uma linha do tempo, que me permitisse facilmente localizar as etapas do processo e seus prazos. Até então eu havia notado que os alunos mais disciplinados transcreviam o calendário para uma espécie de tabela, e alguns chegavam a decorá-la com elementos gráficos relacionados ao seu tema de projeto. Então fizemos um pequeno brainstorming para chegar a um formato que pudesse atender à disciplina e que tivesse uma linguagem mais próxima à dos alunos. Após estas considerações, desenvolvi duas opções de layout, uma onde a linha do tempo formava uma tabela colorida e outra em que uma linha do tempo contínua remetia a um tabuleiro de jogo. Esta última opção foi adotada, pois consideramos que a representação de tempo corrido como um caminho que deve ser percorrido, deixava claro os passos e etapas a serem cumpridas,

além de uma melhor compreensão do tempo real do desenvolvimento do projeto na disciplina. Este calendário pode ser conferido na figura acima.

Após a implantação, notamos que os alunos passaram a adotar o documento como referência. Muitos colocaram o cronograma/calendário na capa de seus fichários, pastas e cadernos, e outros, interferiram no layout acrescentando as etapas específicas de seus projetos, fazendo uma sobreposição das etapas da disciplina com as etapas de desenvolvimento de projeto. Trago como exemplo de intervenção, o calendário de uma aluna, que adotou a imagem como tela de fundo do seu computador, para assim poder acompanhar o calendário a todo momento.

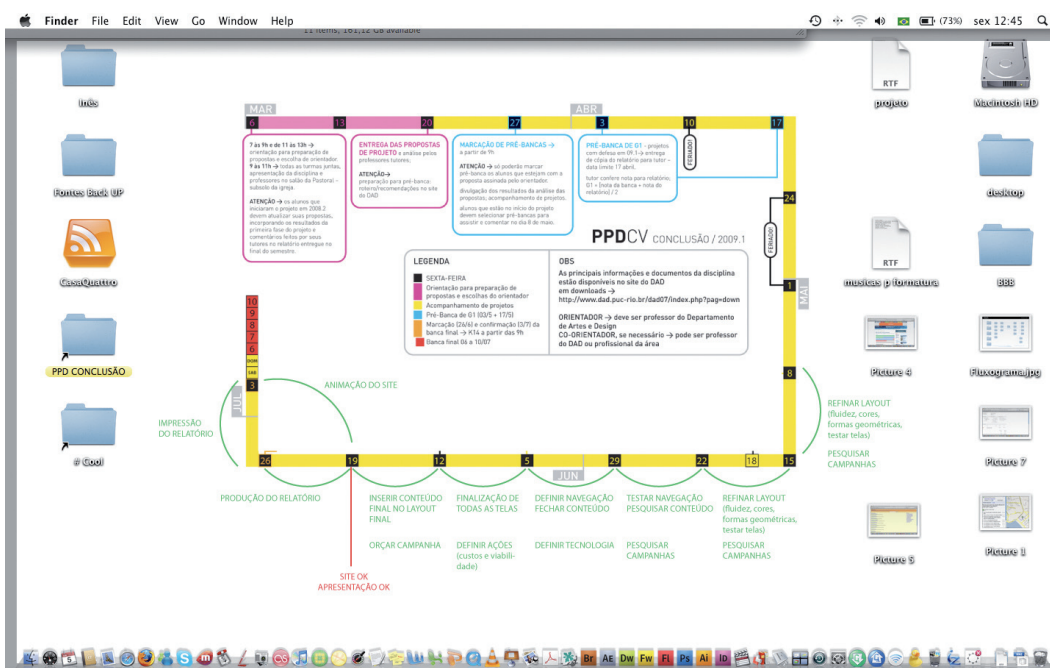


Figura 42 - Calendário com intervenção gráfica da aluna para localizar as etapas de projeto nos momentos da disciplina, aplicada na tela de fundo do computador. (vide anexo 7 para leitura).

Nota-se pela imagem que nas primeiras etapas onde estão localizadas a fase da proposta e a de problematização de projeto, a aluna permanece com as informações de referência da metodologia do PPD-CV Conclusão, porém ao avançar na etapa de desenvolvimento, onde ela deve ter tido provavelmente necessidade de visualização do tempo que restava para a conclusão de seu projeto, substituiu o texto da disciplina por anotações pertinentes ao desenvolvimento do seu projeto específico. Achar esta imagem para mim foi uma grata surpresa e um presente, que reforça a aproximação do conteúdo metodológico a uma linguagem gráfica didática.

Esta intervenção ilustra a maior lacuna que pude observar no PPD-CV Conclusão: a fase de proposta e problematização do projeto.

O PPD-CV Conclusão, como já pudemos verificar no capítulo 2, é marcado por momentos onde o aluno cumpre algumas etapas que compõem a metodologia da disciplina. Pode-se traçar um paralelo entre as etapas da disciplina e o de projetos de

Design em geral, como se tivéssemos duas camadas sobrepostas numa linha do tempo que configura o desenvolvimento.

A estrutura metodológica da disciplina em questão tem dois momentos bem marcados, a primeira fase, que pode ser associada ao primeiro semestre no caso de opção por cumprimento da disciplina em um ano, onde estão contidas a fase de proposta e problematização do projeto, e a segunda fase ou segundo semestre, que diz respeito efetivamente ao desenvolvimento e detalhamento do projeto proposto. Para alguns alunos estas etapas são contínuas e notadamente fluidas. Podemos até destacar alguns projetos bem sucedidos nesta metodologia, mas para a grande maioria dos alunos a maior lacuna é o período compreendido entre a fase de proposta e a fase de entrega do relatório com a prancha A2 no final do primeiro semestre.

Essa sim é uma fase que merece especial atenção para identificarmos meios que possam minimizar as dificuldades dos alunos na elaboração da proposta e problematização para o desenvolvimento do projeto no PPD-CV Conclusão. Acredito que uma das maiores barreiras para que esta fase tenha sucesso seja a inexistência de cobrança administrativa, como por exemplo a aplicação de um grau na conclusão desta fase. A segunda e não menos importante barreira, é a dificuldade de compreensão por parte dos alunos, da atividade do Design como campo, pois o que encontramos muitas vezes é uma visão parcial, ligada basicamente ao exercício técnico da profissão.

Algumas ações feitas pelos professores tutores localmente em suas turmas, acabam conduzindo a aula de forma a adaptar a metodologia da disciplina a uma metodologia de desenvolvimento de projeto de cada professor tutor, fazendo com que cada turma de PPD-CV Conclusão tenha o *tom* de cada professor. (Grifo meu)

Esta percepção foi por mim confirmada pelo depoimento em entrevista da professora Izabel. Ela relata que “a etapa inicial continua sendo bastante complicada. Por mais que se tenha debruçado sobre ela, continua sendo foco de conversas e discussões entre os professores, mas ainda falta”. Falta, segundo Izabel, “por uma questão muito maior, que é a questão da cultura do Design, não é só achar um método, estratégia ou técnica de conseguir que isso aconteça. Do ponto de onde o aluno chega com um tema, dificilmente o aluno chega com um problema, até o momento em que ele tem os dados em que ele efetivamente vai processar no projeto, esse é o nó da história para mim” (Oliveira, 2009).

Percebi na turma da professora Izabel um intenso exercício de estímulo à reflexão, sempre contornando o bloqueio do aluno em se expor verbalmente, como se ele tivesse que responder algo esperado pela professora, pois há, aparentemente, um enorme medo de errar.

Outras tentativas vêm no esforço de fazer os alunos assistir uma aula coletiva e participarem opinando nos projetos dos colegas. A grande maioria dos alunos tende a chegar na aula no horário em que pretendem falar com o professor, como se a aula fosse um atendimento individual. Estas questões são recorrentes nas demais turmas de PPD-CV Conclusão, sendo comum encontrarmos um professor com apenas 1 ou 2 alunos na sala.

Talvez esse problema tenha fim com a nova metodologia adotada nas disciplinas de projeto do currículo novo, que prevê a participação de colaboradores em pontos chave do processo, trazendo um segundo ou terceiro olhar sobre o projeto em desenvolvimento. Desta forma acaba o problema relacionado à escolha de alguns alunos no PPD-CV Conclusão por um tutor, com a intenção de que este seja seu orientador, o que o leva a ter somente um único olhar sobre o desenvolvimento de seu projeto.

Como nenhuma turma de conclusão na habilitação de CV do currículo novo foi oferecida até o momento de finalização da presente pesquisa, não foi possível constatar se esta lacuna foi minimizada com o oferecimento de um módulo de anteprojeto, que antecederá a disciplina de conclusão, onde a ênfase será na proposta e problematização do projeto a ser desenvolvido. Este módulo funcionará como o primeiro semestre do PPD-CV Conclusão, porém com as ferramentas administrativas de controle e grau. Assim, o aluno só ingressará no Conclusão quando tiver cumprido de forma adequada a etapa de problematização.

Segundo a professora Izabel, “este nó é trabalhoso. Temos que buscar uma metodologia e ferramentas que quebrem a cultura do Design somente como um fazer, desenhar, layoutar, ... quando você vê a pessoa se debatendo, é porque ela ainda não entendeu o que é Design” (Oliveira, 2009).

Mas como podemos minimizar este grande desequilíbrio entre a fase de problematização e planejamento e a fase de desenvolvimento propriamente dito no PPD-CV Conclusão? Izabel nos coloca que este desequilíbrio tem raízes lá no início do curso, Izabel comenta sobre “a falta que faz de momentos, no início do curso, para reflexões sobre o que é Design, Design como processo. Se isso for trabalhado nos 2 primeiros períodos, vamos estar com a vida ganha” (Oliveira, 2009).

Concordo com a professora Izabel e acredito que mesmo que o aluno não tenha maturidade para compreender um texto sobre Design em sua totalidade, estando ainda no primeiro ou segundo períodos, existem níveis de compreensão que devem ser exercitados por meio da leitura e reflexão constante. Este mecanismo funciona como as histórias tradicionais que permeiam nossa vida, sobre as quais podemos fazer vários níveis de leitura e a cada um de seus níveis compreender algo que só é possível de acordo com nossa maturidade. Penso que, o caminho mais sólido para que este embasamento aconteça deva vir pela própria atividade, onde o objeto desenvolvido torna-se exatamente o que ele é: resultado de um processo de pensamento.

4.2 Para finalizar

No início de minha participação como observadora participante, me senti e me portei como aluna. Acho que vivenciei o papel de um aluno de conclusão que estava matriculada naquela disciplina, que participava daquele grupo. Porém, este não era o meu papel e tive que aprender a diminuir a minha ansiedade e aguardar o momento adequado para entrar com minhas idéias, considerações e opiniões a respeito dos projetos que ali estavam sendo acompanhados.

A minha participação, por mais contida que fosse, acabou impactando o desenvolvimento dos projetos. No início acho que os alunos me viam somente como alguém que estava ali para dar apoio e ajuda à professora Izabel no andamento da disciplina, mas com o passar dos dias e com a minha participação por meio de comentários e estímulo para o desenvolvimento dos projetos apresentados, notei que os alunos passaram a me ver como uma parceira e como alguém que poderia ajudá-los no desenvolvimento, mas sem o “peso” de ser a professora da disciplina. Algumas vezes me tornei confiante e conselheira de alunos, ajudando-os a se posicionarem para a exposição de seus projetos. Nestes momentos, me senti recompensada, pois tive a oportunidade de ouvi-los mais intimamente em relação aos bloqueios no andamento de seus trabalhos, e acredito que o fato de eu não estar ocupando o papel da professora tutora permitiu essa aproximação.

Na entrevista com a professora Izabel, perguntei como ela viu a minha participação na turma, no sentido de entender se houvera mudança na dinâmica da aula. Ela relatou que “na dinâmica certamente influenciou em dois sentidos: um primeiro, mais imediato, que foi nas necessidades, podendo dividir o atendimento, e um segundo que diz respeito aos alunos, ao que é importante para eles, como terem mais de um olhar sobre o projeto, e isso através do nosso diálogo. Isso certamente foi bom para eles, porque não estão ouvindo somente um ponto de vista ou uma colaboração, isto enriquece”.

Outra questão não observada por ela inicialmente, mas que no momento da entrevista foi levantada como hipótese, foi a possibilidade da minha presença ter diminuído a distância entre a posição dela como professora e a dos alunos. “Então, acho que a sua presença ajudou também a diminuir um pouco uma possível visão do professor que determina, que manda, que eles têm que obedecer. Eu nunca busquei ter esta postura, mas o fato de ter uma pessoa que está ali ajudando, dialogando, contribuindo, é legal neste sentido, porque você tira o peso de uma pessoa só”.

A diversidade de colaborações não só dissolve distância hierárquica entre educador e educando como também aglutina saberes, tendo somente a contribuir ao processo de desenvolvimento de projetos em Design.

Acredito que o tempo de mergulho no campo e o fato de eu ter me permitido viver esta experiência em muito contribuiu para a o amadurecimento do meu olhar sobre o desenvolvimento de projetos de Design no âmbito acadêmico. Em síntese, posso dizer que somente pude compreender o processo fazendo parte dele.